



PERSPECTIVA ECOLÓGICA DA LINGUAGEM: UMA ALTERNATIVA DE ENSINO DOS VERBOS ENQUANTO CLASSE GRAMATICAL

Felipe Rodrigues de Araújo (UFG/ NELIM)

Elza Kioko Nenoki Nakayama do Couto (UFG/ CNPq/ NELIM)

Resumo: Este trabalho objetivou apresentar uma alternativa Ecolinguística para o ensino de língua materna, em específico, da classe verbal, por meio de neologias recorrentes no meio ambiente virtual. Para tanto, a teoria norteadora deste projeto considera os postulados da Linguística Ecolinguística advinda da teoria Ecolinguística, que enxerga a língua em sua integralidade e inter-relações com o sujeito e dele com o mundo (COUTO, 2007). Tais pressupostos aplicam-se, nas metodologias de ensino em que se busca a conjugação dos discentes com o conteúdo de forma acessível, didática e contextualizada, tornando o ensino da língua portuguesa mais dinâmico. Para a realização do projeto, foram acompanhadas quatro aulas síncronas e disponibilizadas três aulas no Youtube para uma turma de 7º ano, abordando aspectos de letramento científico (HONDA; O'NEIL, 2017) e digital (DUDENEY; HOCKLY, PEGRUM, 2016), bem como a formação de novos verbos e variedades linguísticas (COUTO, 2013). Os resultados foram obtidos por meio da observação de aulas e pela análise do material didático trabalhado com a turma supracitada, cujos resultados mostram a inserção de alunos em aulas de abordagem linguística, considerando, por sua vez, uma perspectiva descritiva da norma padrão/estatal da língua. Desse modo, a apresentação das videoaulas suscitou discussões acerca das variedades linguísticas usadas no âmbito virtual, que se estenderam para os estudos lexicais, estimulando a participação dos estudantes por meio de exemplos de neologismos, assim como, pelo interesse acerca dos fatores que impulsionam a formação de novas palavras.

Palavras-chave: Ecolinguística; Linguística Ecolinguística; Ensino; Neologismo; Ecolinguística e Ensino.

Abstract: This work is aimed at presenting an ecolinguistic alternative for teaching mother tongue, specifically, the verbal class, through recurrent neologies in the virtual environment. The guiding theory of the project is Ecosystem Linguistics which is part of general ecolinguistic theory. It sees language in its entirety as well its interrelations between people and between them and the world (COUTO, 2007). Such assumptions are applied in teaching methodologies that seek the conjunction of students with the content in an accessible, didactic and contextualized way, making

the teaching of the Portuguese language more dynamic. To carry out the project, four synchronous classes were monitored and three classes that were made available on Youtube for a 7th grade class, addressing aspects of scientific (HONDA; O'NEIL, 2017) and digital (DUDENEY; HOCKLY, PEGRUM, 2016) literacy as well as the formation of new verbs and linguistic varieties (COUTO, 2013). The results were obtained through observation of classes and the analysis of the teaching material worked within this class, whose results show the inclusion of students in classes with a linguistic approach, considering, in turn, a descriptive perspective of the standard/state norm of tongue. The presentation of the video classes sparked discussions about the linguistic varieties used in the virtual environment, which extended to lexical studies, encouraging student participation through examples of neologisms, as well as interest in the factors that drive education of new words.

Key-words: Ecolinguistics; Ecosystemic Linguistics; Education; Neologism; Ecolinguistics and Education.

INTRODUÇÃO

Diante uma perspectiva Ecolinguística, a língua (L) é interação, de modo que se inter-relaciona com outros dois elementos: povo (P) e território (T), constituindo o Ecossistema Integral da Língua (EIL), ou seja, uma sociedade que fala uma determinada língua e que vive em um determinado território. Nessa tríade L – P – T, desdobram-se três meio ambientes: mental, natural/físico e cultural (social), envolvendo o ser humano no mundo em que ele habita, com as regras de interações linguísticas que se fazem motivadas tanto por fatores cognitivos e sociais, quanto naturais e físicos. A perspectiva ecológica da linguagem possui um olhar integral, que inter-relaciona os níveis de análise da língua (estruturais e discursivos) com seu usuário e esse com o mundo.

Para entender a Linguística Ecológica (LE) – área da Ecolinguística praticada no Brasil que concentra as maiores produções no eixo Brasília–Goiânia e tem por perspectiva a Ecologia, priorizando a interação das comunidades falantes –, parte-se da aceitação da Visão Ecológica de Mundo (VEM), visto que são utilizados conceitos da ecologia geral não apenas como metáforas para os conceitos linguísticos, mas de forma integral em que se estuda a exterioridade e a interioridade linguística. Assim, entende-se que a língua nasce, cresce e morre na interação como outro (COUTO, 2015).

Isto posto, o objetivo desta pesquisa é de ensinar a categoria gramatical dos verbos de forma interativa e reflexiva, com o auxílio de mídias digitais, para promover um pensamento descritivo da língua. Levou-se em consideração o contexto no qual os alunos se encontraram, explorando as

influências que o meio ambiente oferece, contribuindo, assim, para o aprendizado da língua portuguesa padrão (estatal/institucional) e a reflexão sobre o uso dessa variedade linguística.

Os resultados obtidos se compõem a partir das discussões levantadas nas aulas, guiadas pela professora da turma e pelo bolsista. Ao final das aulas, os alunos conseguiam debater as variedades linguísticas e as motivações para o uso da variedade estatal, de modo a vincular à leitura de literatura um recurso de grande importância no aprendizado de língua materna. Também foram feitos debates acerca do uso de gírias, expressões idiomáticas e abreviações nas interações que ocorrem no meio ambiente virtual. Diante disso, os objetivos propostos nesse trabalho foram concluídos, visto que motivou os estudantes a olharem para a língua sob uma perspectiva científica e evolutiva, permitindo, assim, uma compreensão do estudo da língua como uma prática no âmbito das interações humanas.

Este artigo se divide em três partes. Na primeira, expõe-se a metodologia, de forma a apresentar como o projeto foi feito, além das principais referências teóricas utilizadas para a pesquisa em Ecolinguística, Estudos Lexicais e morfológicos e Letramentos. Nesta parte, aborda-se o modo como ocorreram as aulas observadas e como foram disponibilizadas para as turmas pelo Youtube. Na segunda parte, são desenvolvidas as análises obtidas através de três subtópicos, explorando mais profundamente discussões dos três assuntos principais desta pesquisa: Ecolinguística, estudos morfológicos e Letramentos. Por fim, na terceira parte, tem-se os resultados obtidos e as considerações finais, que apresentam os acertos metodológicos para a presente pesquisa, enfatizando, assim, as contribuições deste trabalho à ciência e à educação no Brasil.

1. DISCUSSÕES TEÓRICAS REALIZADAS DURANTE A APLICAÇÃO DO PROJETO

O Prolicen (Programa de Bolsa de Licenciatura), no qual este projeto se insere, iniciou em agosto de 2020 e foi desenvolvido até agosto de 2021, com duração de 1 ano. Contactou-se o diretor e a coordenadora do Centro de Ensino em Período Integral Dom Abel S.U para a realização do projeto intitulado: “Perspectiva Ecológica da linguagem: uma alternativa de ensino dos verbos enquanto classe gramatical”. As aulas começaram a ser acompanhadas no primeiro semestre de 2021, no formato EAD, por consequência das complicações causadas pela pandemia da COVID-19, que suspendeu as aulas do formato presencial.

Esta pesquisa desenvolveu-se em três etapas. A primeira consistiu, basicamente, da observação de

ECO-REBEL

quatro aulas e da análise do material didático disponibilizado aos alunos. Nessas aulas, foram observados: a) o material didático; b) a forma de ensino de gramática, mais especificamente da classe de verbos; e c) o conhecimento prévio dos alunos a respeito do processo de formação de palavras. A observação das aulas de Língua Portuguesa do sétimo ano do Ensino Fundamental permitiu a compreensão de propostas didáticas utilizadas pela professora no ensino da língua materna. Essa etapa foi essencial, pois possibilitou o reconhecimento da Zona Proximal (VIGOTSKI, 1978) dos alunos, verificando o desenvolvimento de forma processual, ou seja, o que eles já sabiam acerca das variedades linguísticas, dos usos verbais, das neologias etc.

Na segunda etapa, foram realizadas as gravações de três videoaulas, bem como a divulgação dos vídeos. Por meio do *Loom* (programa de computador e extensão de navegador que permite a gravação de tela e edição de vídeos), apresentaram-se as aulas em slides. Criou-se um canal específico no YouTube para a divulgação das aulas, com a utilização do e-mail institucional da Universidade Federal de Goiás. Na aula 1, levantou-se uma discussão acerca dos estudos da linguagem, que foi fomentada pela professora regente da turma acompanhada. Essa aula teve como embasamento teórico, a princípio, uma das dicotomias propostas por Ferdinand Saussure (1995), que postula, por sua vez, a diferença entre significante e significado. A escolha do autor se justifica por tratar-se de um autor basilar dos cursos de Letras do país.

Na aula 2, foram apresentados exemplos de palavras usadas no contexto virtual, de forma que os alunos compreendessem e identificassem diversas variedades linguísticas – essas palavras se caracterizam como neologismos. Para essa compreensão, utilizou-se a gravação de aulas ministradas pelo bolsista, consistindo na apresentação de exemplos de verbos retirados da Internet, em que se explica o processo de adaptação desses termos. Tem-se, aqui, o conceito central desta pesquisa: a adaptação. Nos estudos ecolinguísticos, a língua está para os processos de evolução, os quais podem ser especificados na adaptação, um dos estágios da evolução linguística. Na ecologia, a adaptação tem o objetivo de manter a estabilidade (homeostase) do organismo ou do ecossistema; na linguística ecossistêmica, as “novas palavras”, expostas nesta pesquisa, exemplificam o processo de evolução linguística. Sob essa perspectiva, Couto (2007, p. 32) pontua que “o surgimento de novas palavras em determinada língua sempre tem por objetivo adequá-la a novas condições sócio-ambientais, atender as novas necessidades comunicativas e expressivas”. A variedade linguística ocorrida nos meios ambientes virtuais, por exemplo, foi um fator investigado nas aulas.

ECO-REBEL

Explorando os conceitos de meio ambiente do Ecosistema Linguístico (a relação entre língua, povo e território), na esfera do MA natural, encontram-se aspectos do mundo físico e relações corpóreas; na esfera do MA mental, estão os processos cognitivos para a produção da linguagem e simbolização do mundo; na esfera do MA social, assumem-se os valores sociais, assim como relações entre indivíduos e parâmetros acerca do uso da língua. Assim,

a relação entre essas esferas dá forma ao ecossistema linguístico em sua integralidade, sendo indissociáveis na interação comunicativa prototípica, ou seja, na interação face a face (NOWOGRODZKI, 2019, p. 60).

No entanto, esse protótipo de interação comunicativa quebra-se quando o MA natural (físico) dá lugar a um MA virtual, pois a interação virtual proposta entre os falantes não está sujeita a um tempo e espaço da mesma forma que a interação prototípica (face a face). Em uma interação virtual, o falante tem a opção de uma resposta no tempo que quiser e, quanto ao espaço, pode-se entender esse *locus* como a plataforma digital em que a interação ocorre. No entanto, esse MA virtual funciona como um simulacro da interação face a face, perpassando pelo MA mental, por necessitar de uma linguagem produzida, e social, por essa produção corresponder às regras da comunidade inserida no MA virtual (NOWOGRODZKI, 2018).

A aula 3 contou com a continuação da exposição de vídeos que continham os neologismos em uso (“Maratonar”, “Crushar”, “Skipar”, “Upar”, “Monetizar” e “Stalkiar”), utilizando trechos de outros canais no Youtube que abordam assuntos de filmes, jogos, animes e músicas – assuntos presentes na vida dos alunos. Após a apresentação desses exemplos nas aulas 2 e 3, foi explicado o processo de neologia, considerando como embasamento pesquisas que contribuem para os observatórios de neologismos do país:

Conceitua-se o neologismo, no Projeto TermNeo, como uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de outra língua. O neologismo, fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, é sempre resultante de um fator social, que, em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical. (ALVES, 2006, p. 132).

Na terceira etapa, não foram realizadas atividades focadas na interação entre o uso da classe gramatical verbal e o MA dos estudantes, como previsto no plano de trabalho, devido à sobrecarga de atividades on-line nas disciplinas básicas da escola. No entanto, entendeu-se que os alunos absorveram o conhecimento sobre os temas supracitados pelas suas contribuições e participações nas aulas. Com a ajuda da professora de Língua Portuguesa do 7º ano, os assuntos mais teóricos,

que abordam os conceitos os quais sustentaram essa pesquisa, foram levados para a sala de aula, possibilitando à turma o acesso a pesquisas acerca da língua materna. Essa iniciativa de democratizar as pesquisas nas escolas se respalda nas discussões de letramento científico.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 O ensino de língua materna

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) fundamentam todas as etapas propostas nesta pesquisa, uma vez que foi trabalhado o uso da língua oral e escrita, fomentando discussões acerca da língua e da linguagem, de forma a contemplar práticas de escrita e de análise linguística. Além de uma postura política do docente, enfatiza-se um método dialetal para abordar as matrizes curriculares em sala de aula, visando a uma educação libertária, que se baseia na interação entre professor e aluno. Essa percepção estabelece um diálogo estreito com a proposta da Ecolinguística, uma vez que essa interação deve levar em conta as influências do Meio Ambiente (MA) ocupado pelo estudante, assim como suas relações socioculturais. Além disso, Freire (1987) aponta que o professor deve ser um mediador, aquele que faz a ponte entre o discente e o conhecimento, aproximando-os de forma dialética (inter-relacional).

Levando em consideração a realidade vivida pelo estudante, de forma a contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre sociedade, interessa-se analisar o quanto opressor é a educação bancária, mais especificamente, o ensino de língua portuguesa mediante exercícios de gramática descontextualizados, os quais utilizam frases prontas e desprendidas de qualquer contexto. Essa metodologia impõe e oprime o aluno para que ele se encaixe nos moldes limitantes de um conhecimento tecnicista e redutor, em vez de tratá-lo como um ser crítico. As reflexões acerca do ensino de língua materna que se fizeram nesta pesquisa consideram uma abordagem descritiva da língua, por meio do trabalho com textos, cujo método perpassa a explicação dos processos (fenômenos) linguísticos. Indo mais a fundo, a Linguística Ecolinguística aborda o todo da língua em duas regras: sistêmicas e interacionais:

As regras sistêmicas podem ser observadas no discurso da mesma maneira que já foi mencionada para a endoecologia, enquanto as regras interacionais são pesquisadas inter-relacionando os elementos extralinguísticos, sendo muitos deles partes da AD, como práticas e interações sociais, existentes em uma interação discursiva com suas manifestações no discurso e sua presença, ou influência, nos ecossistemas (mental, natural e social) em que vivem os indivíduos e onde o discurso foi produzido. (COUTO;

ALBUQUERQUE, 2015, p. 502).

Esta pesquisa enfatizou as regras sistêmicas, as quais consideram a estruturada língua, nesse caso, a formação de palavras pela morfologia (nível de análise linguística que corresponde ao estudo das palavras dentro do sistema gramatical da língua). Entretanto, em nenhum momento deixou-se de abordar as regras interacionais, pois, partindo do contexto do ato de fala, onde se fala e com quem se fala, tem-se os meio ambientes: mental, natural (virtual, neste caso) e social.

Embora, para a Ecolinguística, o trabalho com aspectos estruturais da língua se encaixa na endoecologia, não se fez nesta pesquisa apenas o trabalho com a estrutura, pois reitera-se que, para a Ecolinguística, a língua é interação. Assim, tratou-se o ensino da categoria gramatical dos verbos de forma funcional, dentro também da exoecologia, que compreende os fatores externos da estrutura da língua, que “trata tudo que tem a ver com as relações da língua com o mundo extralinguístico. É o domínio do ecossistema social por excelência” (COUTO, 2016, p. 250), ou seja, contextualizando em textos todos os exemplos com palavras que os alunos conheçam e usam. Realizou-se uma metodologia de ensino visando não ensinar uma gramática que exclui a importância do texto, mas uma metodologia que traz a gramática em conjunto com suas possibilidades de uso em textos.

Diante disso, embora a Ecolinguística seja uma teoria focada nos estudos da interação, vê-se a possibilidade de metodologias de ensino da língua, pois além de abranger o “lugar” onde a língua ocorre – a interação –, pode-se fazer também estudos mais descritivos da língua. A Linguística Ecológica (LE) permitiu, nesta pesquisa, que fosse desenvolvido o elo perfeito entre a estrutura e o uso. Na parte estrutural, tem-se seus respectivos estudos nos níveis de análise linguísticos, a endoecologia e as regras sistêmicas; na parte usual, tem-se os estudos discursivos e interacionais.

2.2 Evolução, adaptação e derivação na língua

A investigação sobre o ensino dos verbos sob uma perspectiva Ecolinguística é pertinente na medida em que a Ecologia da Linguagem tem os conceitos de adaptação e evolução fortemente discutidos por Hildo Honório do Couto, Elza Kioko N. N. do Couto, Gilberto de Araújo, Davi Albuquerque, Peter Finke, Salikoko S. Mufwane, entre outros nomes da teoria Ecolinguística. Para essa abordagem teórica, a evolução linguística é inevitável e, de tal forma, ela se adapta a várias

situações vividas pelos usuários, como o contato com outras culturas, de modo sociointerativo – sendo interação entre os falantes.

Muito se fala sobre a evolução da língua nos estudos ecolinguísticos, chamado de sucessão ecológica ou mudança (COUTO, 2013). Dessa forma, entende-se que a evolução linguística é certa no decorrer do tempo e prova disso são as pesquisas diacrônicas da língua. No entanto, observa-se que a evolução e a adaptação são conceitos muito semelhantes, porém, a evolução pressupõe a finalização do processo de adaptação, ou seja, para evoluir a língua tem que se adaptar. Nessa perspectiva, Hildo do Couto disserta sobre essas duas partes do mesmo contínuo:

Uma língua que não muda, como querem os gramáticos normativistas, morreria em poucas gerações, uma vez que não se adaptaria, não serviria mais como meio de comunicação no novo contexto. Enfim, a evolução parece ser o verso da moeda cujo reverso é a adaptação. (COUTO, 2016, p. 201).

Veremos que nas línguas é a mesma coisa. Elas estão em perpétua mudança, nenhuma delas é estática como nos dão a entender as gramáticas normativas e o sistema de ensino. Basta ver o quanto o português mudou desde a lírica trovadoresca medieval até a época de Camões, para não dizer do português atual. Vejam-se também as gírias, a todo momento surgindo e desaparecendo, os neologismos e os arcaísmos. (COUTO, 2007, p. 33).

O conceito de adaptação para a ecologia se elabora quando, para não se extinguir, uma determinada espécie se acostuma com as mudanças do meio ambiente. Desse modo, nos estudos ecolinguísticos, assim como aponta Hildo do Couto (2007, p. 32), “o surgimento de novas palavras em determinada língua tempor objetivo adequá-la a novas condições sócio-ambientais, ou seja, atender a novas necessidades comunicativas e expressivas”. Sendo assim, o falante da língua a adapta de acordo com as novas situações que surgem. Abrangendo para a interação comunicativa, Couto (2013, p. 19) contribui:

[...] a adaptação pode ser vista na interação comunicativa, por exemplo, em que o falante procura se expressar como acha que o ouvinte entenderia e o ouvinte procura interpretar o que ouviu como acha que é o que o falante quis dizer.

As palavras utilizadas como exemplo de formação de novos verbos nesta pesquisa – “Maratonar”, “Crushar”, “Skipar”, “Upar”, “Monetizar” e “Stalkiar” – ilustram os dois conceitos discutidos acima. Esses neologismos são provas da evolução linguística, a qual se adaptou no meio ambiente virtual. Nesse ínterim, essas seis palavras se adaptaram para estágios diferentes de suas bases.

Morfologicamente, a palavra “maratonar” tem sua base na língua portuguesa: [maraton-], que desempenha uma função prototípica de substantivo, no entanto, se adapta e é usada como verbo

ECO-REBEL

(marcado pelo sufixo [-ar] da primeira conjugação verbal). Além disso, há confluências históricas na formação da palavra “monetizar”, uma vez que [monet-] advém do latim (monetário) + [- (iz)ar], em que a partícula “izar” aparece em outros itens recorrentes na língua, como: romantizar, cauterizar, esquematizar, entre outros; e/ou do tronco linguístico germânico da palavra “Money”, em que [mone-] é base + [-tiz-] como sufixo + [-ar] designando verbo. Nesse exemplo, o processo de evolução ocorre diante as duas hipóteses: do latim (monetário) como substantivo ou adjetivo, e do inglês (Money) prototipicamente substantivo. No entanto, os significados providos por esse sufixo ([izar]) se modificam na decorrência dos seus usos, passam a empregar a expansão de um processo (ALVES, 2006).

As palavras de bases vindas da língua inglesa ([crush-], [skip-], [up-] e [stalk-]) são pertencentes a classes gramaticais dos verbos (skip, up – ora prepositivo), substantivos (crush) e adjetivos (stalker), ou classes lexicais, de acordo com os estudos morfológicos, uma vez que “itens lexicais como elementos que fazem referência a dados do universo bio-social: designam entidades, ações e qualidades” (MARTELOTTA; VOTRE; CESÁRIO, 1996, p. 24). Assim, quando adaptadas para o meio ambiente virtual por usuários da língua portuguesa brasileira, tornam-se verbos da primeira conjugação.

O processo de formação dessas palavras se dá por derivação: “Quando um vocábulo é formado de um só radical, a que se anexam afixos (prefixos e sufixos), tem-se a derivação” (KEHDI, 2003, p. 7), uma vez que comumente em línguas flexionais, como o português, há flexões de palavras da classe dos substantivos em palavras da classe dos verbos, de forma que, ao contrário desse processo, tem-se o conceito de derivação regressiva, ou seja, quando um verbo se torna substantivo. Possibilita-se mais de um processo de formação nos verbos estudados, como o “estrangeirismo”, por exemplo, que se formula como uma palavra de outro idioma adaptada na língua portuguesa. Vale ressaltar que o sujeito falante não introduz tais termos na língua de forma individual, como mostra o ecossistema fundamental da língua, uma vez que se responsabiliza a esfera social, em que a língua (L) de um povo (P) se faz em seus ambientes de contato (Território). O trabalho com a perspectiva ecológica da linguagem enxerga a união entre a endoecologia e a exoecologia, como mencionado anteriormente. Diante de outros conceitos propostos pela Ecolinguística, como a Visão Ecológica de Mundo (VEM) e o holismo, entende-se que a Linguística Ecológica abraça as demais discussões, as quais se comprometem a uma análise mais profunda da estrutura linguística que se dedica às análises da língua em uso (textos),

pareando a forma ea função de termos recortados para cada pesquisa.

2.3 Confluências entre a Linguística Ecolinguística e os Letramentos Digitais e Científicos

Uma abordagem holística, assim como sustenta a Linguística Ecolinguística, se faz presente nessa pesquisa, pois não se isola o objeto de estudo (a língua) como algo aleatório. Assim, tem-se a ciência de uma inter-relação dela com o indivíduo e do indivíduo com o mundo. Nas análises linguísticas de termos específicos, como os neologismos formados no meio ambiente virtual, enxerga-se o elo com o Ecolinguístico Integral da Língua, visto que são relações mútuas (COUTO, 2015). A própria concepção de que língua é interação para a LE é esclarecida por Couto ao relacionar “I” – interação, no ecossistema biológico, com “L” – língua, no ecossistema integral da língua. Nesse sentido,

A equivalência entre o I do ecossistema biológico e o L do ecossistema linguístico nos lembra pela enésima vez que a língua não é mero sistema, que serve de instrumento para a expressão do pensamento ou para a comunicação. Nem mesmo a maioria dos modelos interacionistas dá conta desse fato, uma vez que, para eles, a língua é “instrumento” de comunicação. Para a linguística ecolinguística, ela é a própria comunicação. (COUTO, 2015, p. 54).

A prática holística desenvolvida nos estudos ecolinguísticos permite relacionar a pesquisa em linguística não apenas com a alfabetização, mas também com os letramentos, de forma que se entende como letramento os estudos que têm práticas sociais e individuais. Desse modo,

[...] o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas. (SOARES, 2009, p. 80-81).

Enquanto para letramentos digitais tem-se como conceituação:

[...] habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17).

Os letramentos digitais se fizeram necessários nesta pesquisa, pois, além do estudo da formação de palavras dentro do meio ambiente virtual, viu-se necessário as discussões acerca da modalidade linguística utilizada dentro desse meio ambiente, além das variedades da língua mais ou menos adequadas para determinado meio ambiente. Dessa maneira, revelou-se o interesse dos alunos do

ECO-REBEL

7ºano na formação de abreviações utilizadas dentro de contextos virtuais informais. Para tanto, se complementou, neste trabalho, pesquisas acerca de letramento científico.

O letramento científico proposto por Maia Honda e Wayne O’Neil se pauta na desenvoltura de metodologias para aulas de língua materna para alunos do ensino fundamental, médio e superior. Nas aulas, eram trabalhados temas relacionados às ciências da linguagem, pois, para os pesquisadores, apresentar a linguística e pesquisas dessa área aos alunos resulta, no mínimo, em estudantes conscientes do fazer científico. Honda e O’Neil, em *On thinking linguistically*, propõem:

Although most people would agree that they have “the ability to formulate and to entertain questions,” few would consider themselves able to appreciate much less engage in scientific work. This is in large part due to the widespread belief that questions of science are arcane or distant from ordinary experience. Schools are culpable here, for students are often introduced to science in domains where their experience is limited and/or where their commonsense understanding is at odds with things in nature. Very little inquiry is possible or easily motivated conceptually when the problems of science—from a commonsense point of view—seem unproblematic to students. (HONDA; O’NEIL, 2017, p. 54).

A aula 1 ministrada neste projeto expôs alguns grandes nomes da teoria linguística. Aprende-se muito sobre essas teorias na universidade, assim como se fala que as pesquisas desenvolvidas nas universidades não chegam aos cidadãos brasileiros fora dos meios acadêmicos, suscitando debates acerca de uma ciência acessível. No entanto, outra problemática combatida pela exposição da linguística como ciência em sala de aula é a legitimação de um campo de estudo científico.

Um debate comum entre licenciandos é a necessidade – ou a falta dela – de se levar conteúdos teóricos para a sala de aula. Por mais que esses conteúdos sejam adaptados aos estudantes da educação básica, o interesse recai na forma em que eles são apresentados. Em muitos componentes curriculares, ouve-se falar dos cientistas que ajudaram a compor disciplinas: Charles Darwin (1809-1882), Isaac Newton (1643-1727), Galileu Galilei (1564-1642), entre outros. Entretanto, na disciplina de Língua Portuguesa, não se faz rotineiro apresentações de Ferdinand de Saussure (1857-1913), Noam Chomsky (1928 – atual), Mikhail Bakhtin (1895-1975), William Labov (1927- atual) ou Marcos Bagno (1961- atual). Claro que são ensinados os conteúdos propostos por esses estudiosos, porém, não se aborda a respeito da autoria dessas pesquisas e tampouco dessas áreas de estudo. Essa prática de não nomear quem propõe determinados conteúdos distancia ainda mais os alunos do fazer científico. Portanto, levar a linguística para a sala de aula será um avanço significativo para profissionais da educação que entendem a ciência e o ensino como formas de mudar vidas.

ECO-REBEL

Este projeto está vinculado ao Núcleo de Estudos de Linguagem e Imaginário (NELIM), cadastrado no CNPQ em 2008. Todos os resultados obtidos no presente trabalho serão apresentados nas reuniões do grupo de estudo e nos diversos eventos dos quais o NELIM participa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante a exposição das discussões e resultados obtidos nesta pesquisa, conclui-se que a metodologia de ensino diante uma perspectiva ecológica da linguagem se mostrou de extrema relevância e contribuição para os estudos ecolinguísticos, uma vez que o ensino de língua materna, nesse Programa Bolsa de Licenciatura (PROLICEN), correlaciona-se a conceitos da Linguística Ecológica (evolução e adaptação) juntamente com os letramentos digitais e científicos.

Fez-se um projeto em que três aulas foram ministradas e disponibilizadas em plataformas digitais, expondo a área de estudos da ciência da linguagem. Em seguida, de forma mais analítica, foi analisada a formação de novas palavras (neologismos) dentro do meio ambiente virtual. Essas palavras (“Maratonar”, “Crushar”, “Skipar”, “Upar”, “Monetizar” e “Stalkiar”) foram expostas através de textos e vídeos mostrando seus usos, de forma a suscitar discussões mais profundas com os alunos, por exemplo, relacionadas às abreviações e gírias que também se utilizam nos meios de comunicação não prototípicos (virtual). Resultou-se, assim, em percepções de variedades linguísticas mais ou menos adequadas para determinados MAs em suas devidas situações de interação comunicativa.

Por fim, pode-se concluir que o PROLICEN fortifica a comunidade científica, que busca melhorias nos métodos de ensino das escolas públicas do país. Os embasamentos teóricos que fundamentaram este trabalho confluem com o avanço da pesquisa, pois a Ecolinguística busca, em seus estudos, a valorização e a defesa da vida e do bem-estar social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. *Ecolinguística: um diálogo com Hildo Honório do Couto*. v. 4. Campinas: Pontes Editores, 2013.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 485-509, 2015.

ECO-REBEL

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudos da relação entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística Ecolinguística. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.

COUTO, H. H.; COUTO, E. K. N. N.; ARAÚJO, G. P.; ALBUQUERQUE, D. B. (Org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2016.

DUDENEY, Gavin (Org.) *Letramentos digitais*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HONDA, Maya; O'NEIL, Wayne. On thinking linguistically. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 52-65, 2017.

KEHDI, Valter. *Formação de Palavras em Português*. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.

NOWOGRODZKI, Anderson. Avatares: o uso de máscaras digitais em simulacros virtuais. *Rev. de Letras*, v. 2, n. 37, p. 98-108, 2018.

NOWOGRODZKI. Confluências Entre a Sociolinguística Qualitativa e a Ecolinguística: Práticas Religiosas Virtualizadas. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 5, n. 2, p. 54-74, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VIGOTSKI, Lev. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos Superiores*. 4. Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1991.

Aceito em 02/12/21.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 3, 2021.